

Entrevista com a professora Marise Ramos, graduada em Química pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UERJ), com experiência na área da Educação Profissional para a matéria Novo Ensino Médio e os impactos de sua implementação na educação pública.

**1 - Dentre as mudanças que o Novo Ensino Médio traz, algumas delas como exclusões de disciplinas, abertura para profissionais sem licenciatura, dar aulas e implementação geral do ensino integral, qual você acredita que é a mais impactante? Que mais desestrutura a educação brasileira? Alguma coisa muda perante a pandemia?**

A medida que mais desestrutura a educação brasileira trazida pelo “novo ensino médio”, do meu ponto de vista, não está citada na pergunta. Trata-se da diminuição da carga horária efetiva do ensino médio como formação básica, prevista originalmente na LDB em 2400 horas, e, reduzida pela Lei n. 13.4015/2017, a 1800 horas. Isto, associada à destinação das 600 horas restantes a cinco itinerários formativos – ciências da natureza; ciências humanas; linguagens; matemática; e educação profissional. Ocorre, assim, a redução da formação básica, a desintegração do currículo, a antecipação de especializações e, novamente, a separação da educação profissional. Este é o carro chefe da contrarreforma. As demais medidas aqui arroladas, são consequência, pois com a redução da carga horária foi necessário excluirmos disciplinas, com a separação da educação profissional, abre-se a possibilidade de profissionais sem licenciatura darem aulas, pelo suposto “notório saber”, medida que valoriza mais o saber prático do que o científico, e o “ensino integral”, quer dizer, na contrarreforma, o aumento da carga horária, esta só pode ser aplicada para os componentes de língua portuguesa e matemática, o que comprova que a preocupação é com as avaliações de larga escala e não com a efetiva formação integral dos estudantes.

Quanto à pandemia, o que “muda” é que a desigualdade educacional aumentou espantosamente, prejudicando ainda mais os filhos da classe trabalhadora. A contrarreforma atingirá principalmente esses sujeitos os quais, vítimas da enorme precariedade educacional, cursarão – que assim conseguirem – um ensino médio ainda mais precário. Ou seja, é a educação pobre para os pobres; a educação simples e precária para o trabalho simples e igualmente precário.

**2- Como a implementação do Novo Ensino Médio conversa com as tentativas implícitas de instalar o ensino híbrido, principalmente em situação pandêmica, como estamos agora?**

A falta de professores nos sistemas públicos e os limites de investimento para melhorias de infraestrutura de escolas, realização de concurso público para professores, pagamento e aumento do piso salarial, dentre outras, vão sendo falsa e ironicamente “resolvidos” com o ensino híbrido, pois esse possibilita atendimento de número massivo de estudantes pelos professores disponíveis, sem exigir as condições adequadas de infraestrutura escolar. A fragmentação dos currículos em itinerários, por sua vez, também permite que se organize o trabalho escolar sem realizar concursos, pois a tendência será privilegiar as áreas que já dispõem de mais professores. Ademais, esses itinerários podem ser realizados em parceria. Com o ensino híbrido, tem-se um filão para empresas de tecnologias da informação e comunicação, com seus “pacotes pedagógicos”. Enfim, são todos elementos da precarização da educação como já me referi.

**3 - Qual o maior desafio dos professores em meio à adaptação aos novos conteúdos e ainda com uma pandemia em curso?**

Conseguir resistir à implementação da contrarreforma e afirmar que a concepção do Ensino Médio Integrado é a que deve ser garantida como política pública e projeto político-pedagógico.

**4 - Ouve -se muito como justificativa que a Reforma foi feita para tornar o Ensino Médio mais atrativo para os jovens e para evitar a evasão, além da menção constante do protagonismo e preparação para o mercado de trabalho. Você acha isso verídico? Quais seriam as outras formas de tornar o ensino médio mais atrativo?**

Os jovens querem educação de qualidade e não a educação precária. Estão falando em nome dos jovens sem tê-los consultados. Trata-se, então, de uma falácia. Ensino atrativo é ensino criador e criativo, de qualidade, que desenvolve as múltiplas potencialidades humanas. E está é o projeto da educação politécnica e da formação omnilateral que estrutura a concepção do Ensino Médio Integrado. A política de ensino médio desenvolvida a partir da aprovação do Decreto n. 5.154/2004, com as DCNEM de 2012 e diversos documentos produzidos por intelectuais comprometidos com esse

projeto traziam princípios fundamentais que tornariam o ensino médio “mais atrativo” (para usar essa expressão, que eu não gosto devido ao seu caráter falacioso).

Cito, por exemplo, o princípio educativo do trabalho e o princípio pedagógico da pesquisa; a unidade trabalho-ciência-cultura como eixo estruturante e condutor do currículo. Princípios esses coerentes com o pressuposto de que o ensino médio é um momento de educação das escolhas dos jovens, como nos ensina o filósofo Antonio Gramsci. Ou seja, um ensino médio convergente com os “interesses” dos jovens é aquele que dialoga com os jovens no sentido de que esses próprios “interesses” sejam educados.

### **5 - Existe alguma forma de reverter a proposta do Novo Ensino Médio? Barrá-la? Impedi-la?**

Do meu ponto de vista, há dois planos de resistência. Um é o político no sentido estrito, o que significa a categoria de educadores organizada, inclusive nos seus órgãos representativos de classe como os sindicatos, valer-se da disputa política com o Estado. O outro plano é o institucional, pelo qual entendo que não se deve abrir mão dos princípios da educação de qualidade, mantendo-se os princípios da formação integrada de maneira a tensionar por dentro do projeto político-pedagógico a lógica da contrarreforma.